

DF Brasília

Tudo
coderno

Brasília, sexta-feira,

21 de abril de 2000

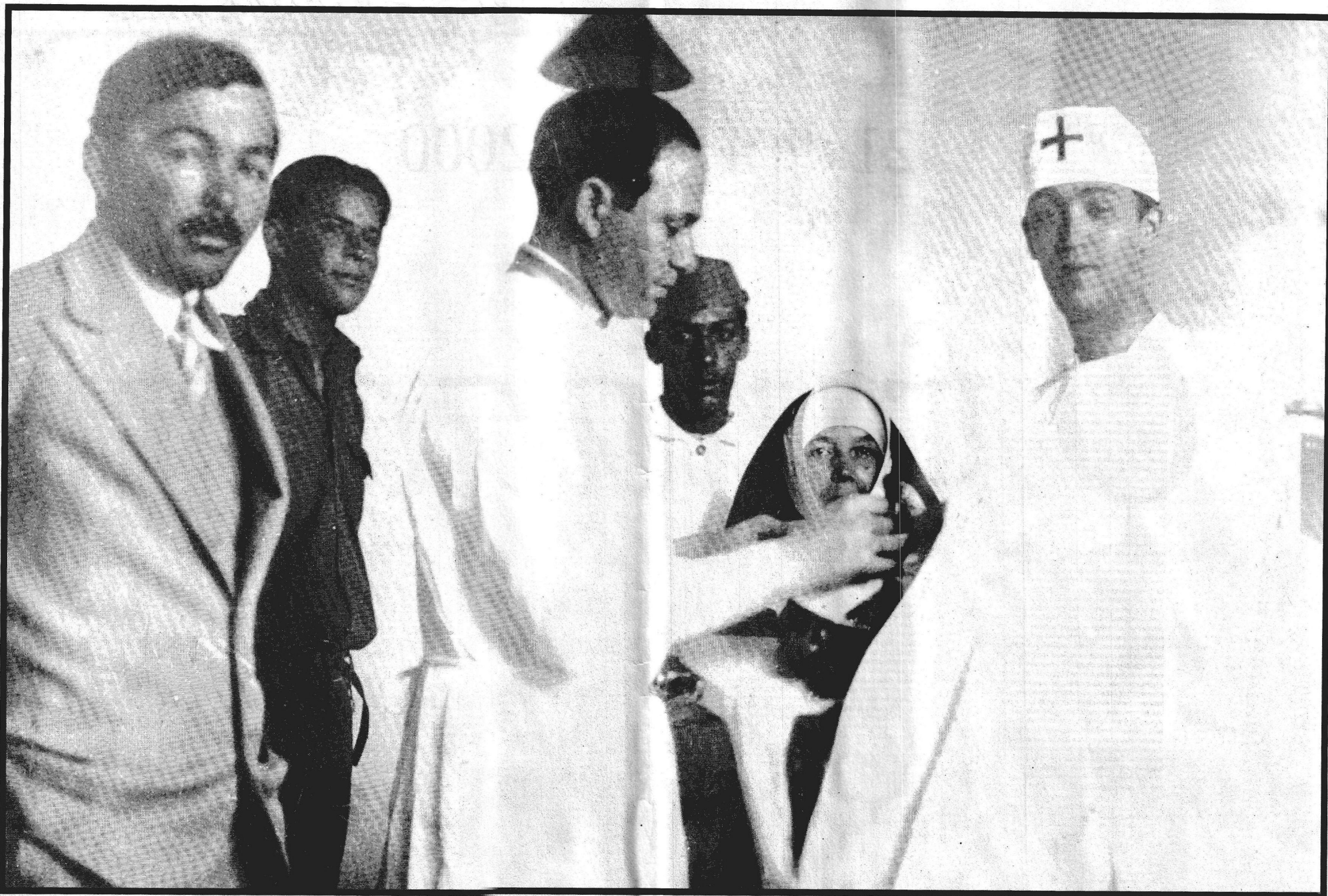
O fundador



Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das mais altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada, com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino

JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA

O fundador



Em 1932, médico da Força Pública



Belo Horizonte, em 1953, com o uniforme da Força Pública

“Tudo o que sou, como cidadão, como brasileiro, como homem público, à minha mãe o devo”



Com a mãe, D. Júlia, em 1967

O HOMEM QUE COLECIONA JUSCELINO

Rafael Barbosa
Especial para o *Correio*

Foi na cidade mineira de Conceição do Mato Dentro, que o menino de 6 anos, José Gomes conheceu o então prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek. Isso em 1943. O hoje fotógrafo José Goés, 62 anos, lembra bem daquele dia. Passou a admirá-lo logo da primeira vez que o viu. “Ele era o prefeito de Belo Hori-

zonte, mas tratou a mim e a meus amigos com uma cordialidade que nos assombrou. Pegamos na mão dele e conversamos, desde então passei a respeitá-lo muito”, conta José Gomes.

Em 45 anos dedicados à fotografia, José Gomes montou um acervo com cerca de cinco mil fotos daquele que costuma chamar de “o maior dos brasileiros”. O fotógrafo não sabe explicar precisamente como aconteceu. Só sabe que a admiração sempre crescente por JK o impulsionou a acompanhá-lo por toda parte. “Fotografei JK em todo tipo de situação, das mais oficiais às mais inusitadas”. O acervo de José Gomes é maior do país sobre Juscelino. Possui fotos que acompanham toda a trajetória do ex-presidente. De Diamantina a Brasília. “Acompanhei ele até o dia do sepultamento, registrei tudo”.

O fotógrafo mineiro, que nasceu em São João Evangelista, a 300 Km de Belo Horizonte, se or-

gulha não só das fotos, mas do relacionamento que mantinha com Juscelino. “Até serestas cantamos juntos, tenho tudo fotografado, claro”.

José Gomes conta ainda que nem todo o material de seu acervo foi fotografado por ele. Teve de se servir de outras fontes. Comprou de jornais e até de outros colegas de profissão o que achou que, de um certo modo, desfalcava sua coleção. Gomes buscou em outros arquivos fotografias que achou necessário ter para completar seu vasto acervo, entre eles o do *Correio de Minas* e o do fotógrafo italiano Iginio Boffoli, que chegou ao Brasil em 1908 e fotografou JK inúmeras vezes.

Além das fotos, José Goés conta que também possui cerca de cinco mil publicações referentes a Juscelino e à política brasileira. “Eu ainda não me acomodei. Onde eu souber que tem algo sobre Juscelino, vou atrás, não importa se é em Diamantina, em Brasília, ou no Rio de Janeiro”.



José Gomes ao lado de JK em 1959

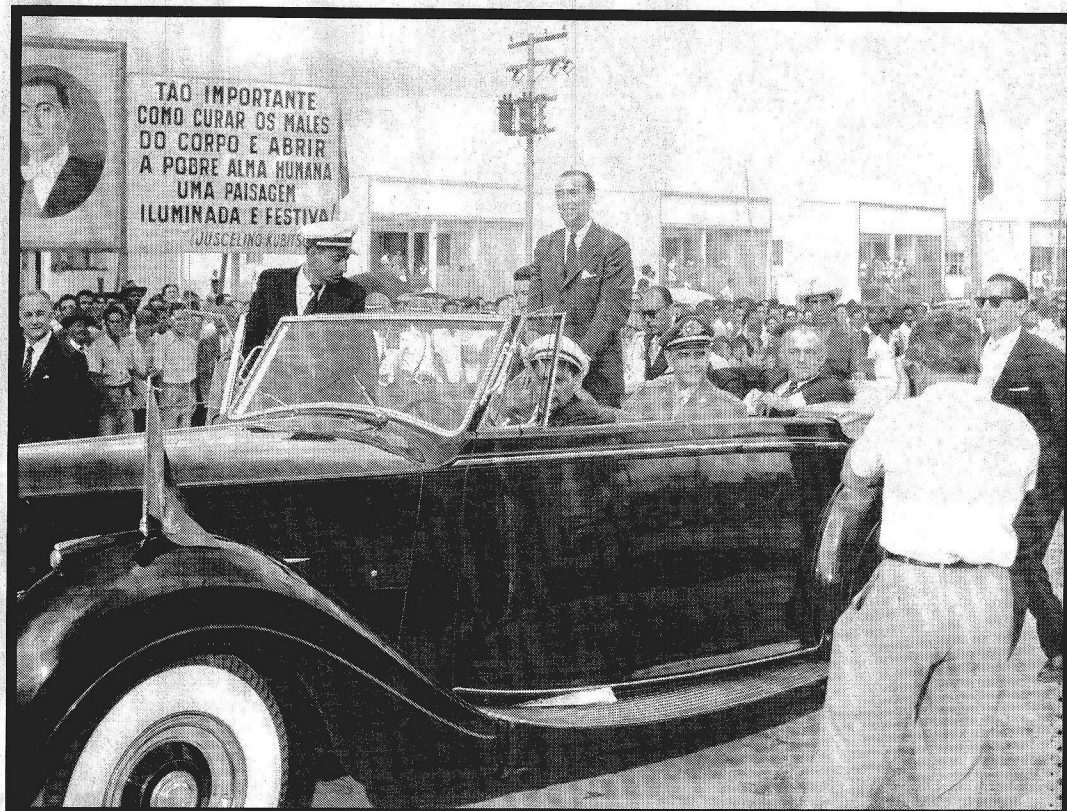
O fundador



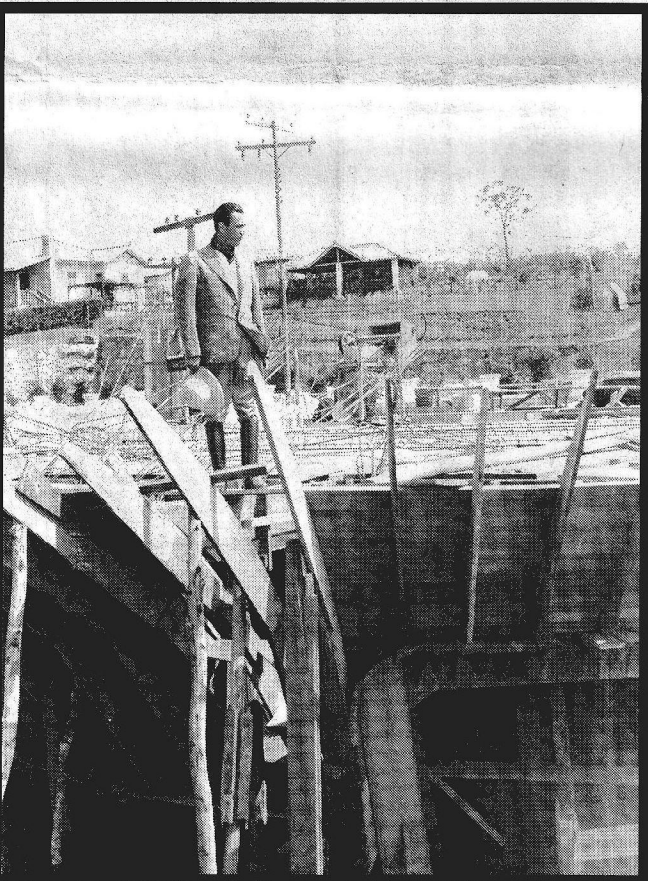
A hora do voto



Posse na
presidência da
República, com
João Goulart



Com Bías Forte, em 1960, na inauguração da BR-3



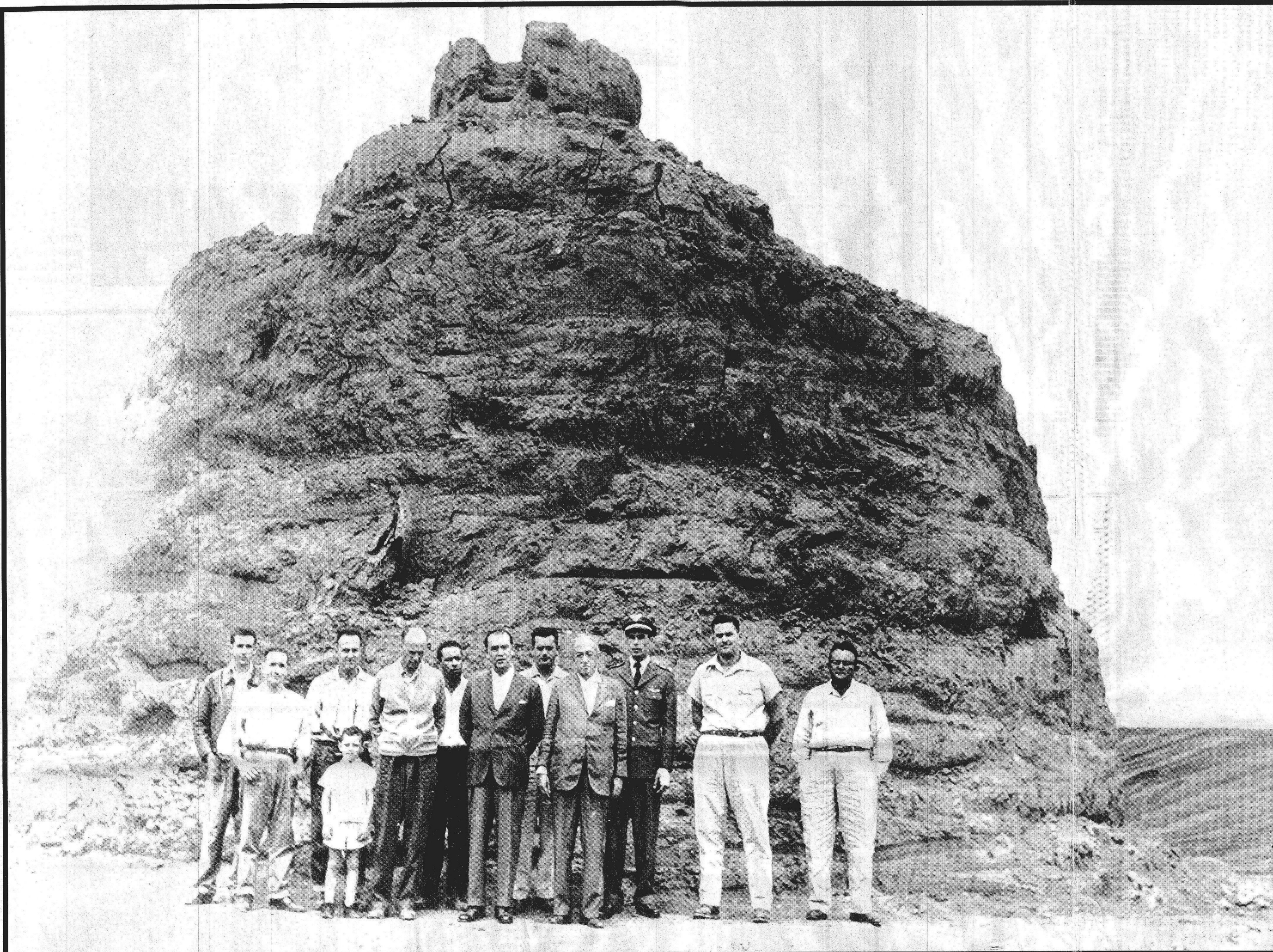
Prefeito de Belo Horizonte,
construindo a Pampulha, em 1943

O empreendedor,
abrindo a
estrada de
Ouro Preto



“Não se conquista uma terra se não se tem acesso a ela. E a estrada é um elemento civilizador por excelência”

O fundador



Em Brasília, diante do monte de terra tirado para fazer o cruzamento dos eixos monumental e rodoviário, onde hoje é a rodoviária

“Brasília estava lançada. Era uma idéia em marcha. Para mim, nenhuma força seria capaz de detê-la”

“Eis o produto de nossas angústias, de nossos riscos e do suor de nossas lidas, eis a cidade que o extraordinário Lucio Costa disse já nascer adulta”



Em 1956, com Oscar Niemeyer



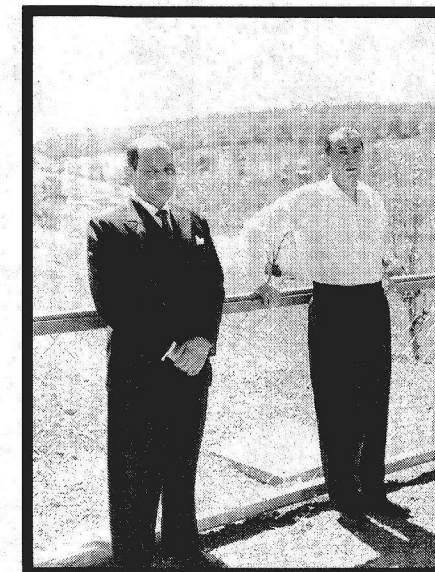
Na solenidade de inauguração de Brasília, em 1960



Uma festa popular: a nova capital do Brasil é inaugurada



Cimentando a pedra fundamental, em 1957



Em Luziânia, com o motorista Geraldo, que morreria com ele

Abrendo a caravana da integração, numa Romi-Isetta, em 1960

DE COMO O CRIADOR AMOU A CRIATURA

Conceição Freitas
Da equipe do Correio

O homem usava óculos, chapéu de palha, e entrava em Brasília protegido

pela escuridão da noite na boléia de um caminhão. Podia ser mais um migrante anônimo, mas era Juscelino Kubitschek, o criador da nova capital. Corria o ano de 1971, e desde o fatídico 1964 o nome daquele clandestino tinha sido cassado dos aniversários de Brasília.

O tal homem procurava uma fazenda para comprar em Luziânia, na verdade um ancoradouro para que pudesse ter um pé na capital, fosse como fosse. “E ele nunca tinha sido fazendeiro, inventou essa história de fazenda só pra ficar perto de Brasília”, conta Vera Brant, a amiga das muitas horas de dificuldades.

Expurgado da vida política, o apressado presidente dos “50 anos em 5” tinha de se dobrar a uma rotina modorrenta — se comparada ao frenético co-

tidiano da construção de Brasília — a qual incluía visitas frequentes a Luziânia e a Brasília. Começou a plantar café no cerrado e foi um dos primeiros a provar que o solo aparentemente estéril podia ser corrigido.

Chovia naquela noite em que o criador visitou a criatura. “Como sempre os pingos d’água pareciam laranjas, atingindo a gente sem dó”, descreveu Juscelino ao jornalista Carlos Chagas num histórico artigo publicado no *Estado de São Paulo* dias depois da visita. O amigo ao volante parou o caminhão no Catetinho. JK rodeou o Palácio de Tábuas e continuou o passeio em direção à capital construída em três anos e dez meses.

No primeiro bambolê adiante, o caminhão parou novamente. Ante a vista das luzes da cidade, o criador sentiu-se

“como um súdito romano das Gálias que pela primeira vez visita Roma” — como disse a Carlos Chagas. Visitou, pela primeira vez, a Catedral já concluída, seguiu para a Praça dos Três Poderes e, a cem metros do palácio à época ocupado pelo presidente Garrastazu Médici, deteve-se diante da própria efígie e “recitou de cor as frases dispostas na parede”, escreveu Chagas. Foi quando JK chorou.

O anônimo e insuspeito caminhão pegou o caminho de volta a Luziânia, atravessou a W-3 Sul e levou o criador para longe. “Tenho enfrentado dissabores e sofrimentos, mas ao deixar a capital que não pisava há tanto tempo, cercou-me um sentimento de paz e tranquilidade”, disse o ex-presidente a Carlos Chagas.

Aquela calma era prenúncio de

tristeza. Depois da visita, “ele ficou numa maratona de passeios a cama melancolia tão violenta que dava o tchau, pescaria, pedalinho, caminhadas vontade de chorar quando a gente boia no bosque”. “Nunca vi alguém viver via”, conta Vera Brant. Quando um ser com tanta intensidade e vibração”, diz restei ro fica triste, os amigos providenciaram Vera Brant. “Quatro horas de sono erciam uma festa. A amiga convidou os amigos suficientes para ele”, conta o primo mais próximos, caprichou no uísque e no Carlos Murilo.

Quando começou a construir Brasília, JK tinha 54 anos, idade que ainda sua, quem achasse ruim que comesse o fígado fôlego para passar o dia menos”, escreveu Vera Brant, no auto-ônibus Palácio do Catete, no Rio de Janeiro biográfico *Ensolarando Sombras*, escrito no Rio, e as madrugadas percorrendo obras zinhando os militares que não queriam o cerrado a 1,5 mil quilômetros de Brasília e Juscelino juntos novamente, a distância. No percurso entre Rio e Brasília, tantas outras, quase todas começando a tomar banho, fazia a barba, trocava de por Luziânia. O fundador reunia os amigos a bons metros de altitude, e se amigos na Fazendinha JK, 300 alqueires, preparava para a rotina convencional res, sede desenhada por Oscar Niemeyer, de um presidente.

Numa dessas vindas a Brasília, marrenitente de um sino e impunha às vias da estrada de chuva, o criador e comitiva

rasgavam o cerrado para acompanhar a construção do Palácio da Alvorada. Naquela época, o período de chuvas durava metade do ano e aquela era mais uma noite de tormentas. Vestido de cap e bota de borracha, Juscelino desceu da Rural Willis, acompanhado de Israel Pinheiro e de alguns engenheiros, e aproximou-se de um operário que batia um martelo.

“Vai ou não vai?”, indagou o fundador. Vestido numa frágil capa de chuva, o candango esfregou os olhos com as mãos, arqueou as sombrancelhas e só então reconheceu naquele perguntador notívago o presidente da República. “Vai”, respondeu. E aquela cena passou a ser exemplo do “espírito de Brasília”, contada e recontada nesses últimos 41 anos. O próprio Juscelino gasta página e meia de seu livro *Por que*

construí Brasília no relato do episódio.

Como todo amante, JK exagerava as virtudes da amada. Como no dia em que, já cassado, foi jantar com Vera Brant no Xadrezinho, no Lago Sul. Anpa e bota de borracha, Juscelino desceu da Rural Willis, acompanhado de Israel Pinheiro e de alguns engenheiros, e aproximou-se de um operário que batia um martelo.

“Vai ou não vai?”, indagou o fundador. Vestido numa frágil capa de chuva, o candango esfregou os olhos com as mãos, arqueou as sombrancelhas e só então reconheceu naquele perguntador notívago o presidente da República. “Vai”, respondeu. E aquela cena passou a ser exemplo do “espírito de Brasília”, contada e recontada nesses últimos 41 anos. O próprio Juscelino gasta página e meia de seu livro *Por que*

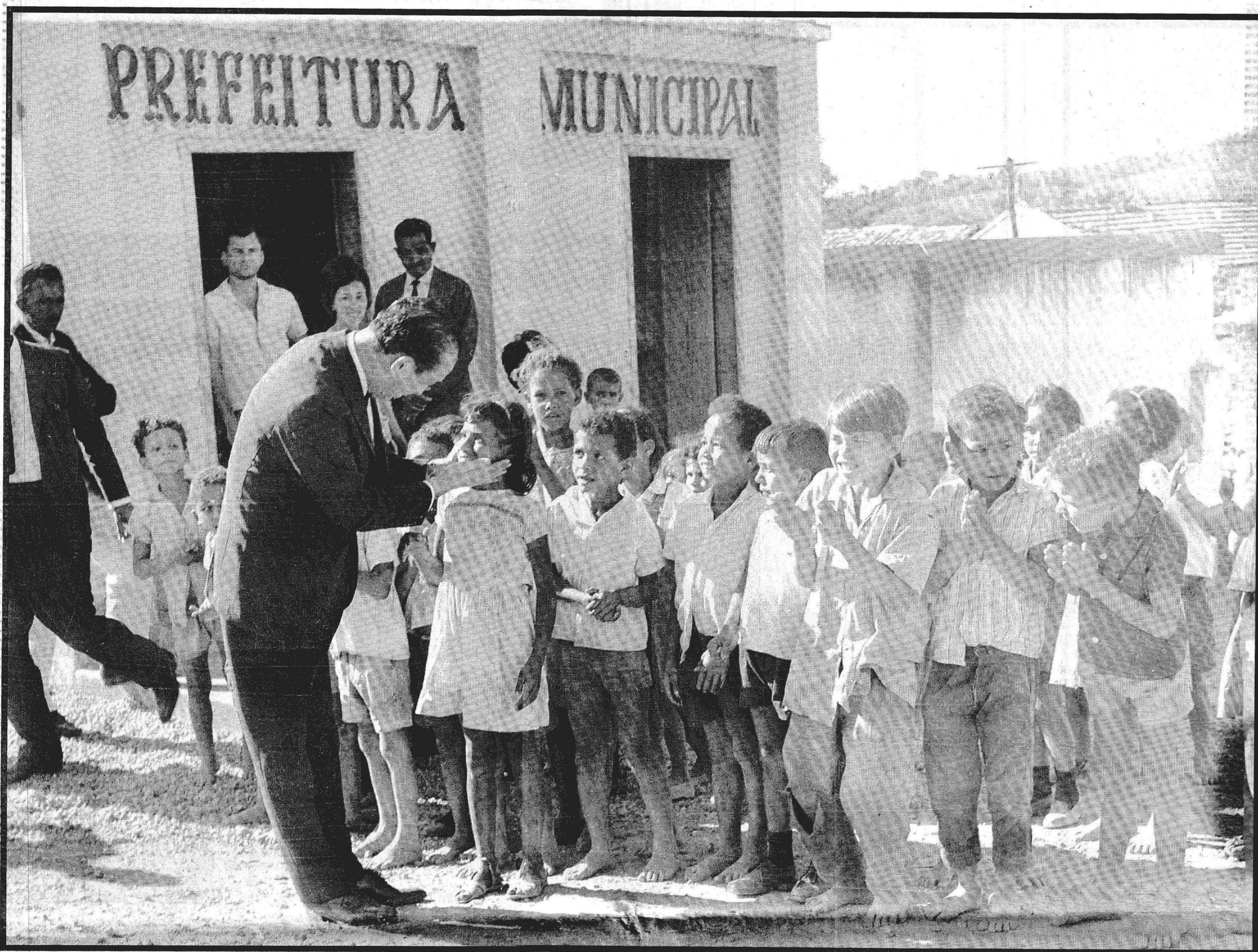
cio da Alvorada, entre abril de 1960 e janeiro de 1961, Juscelino soube aproveitar as águas mansas do lago em longos passeios de Gilda, o barco da Presidência da República que foi devidamente transportado da antiga para a nova capital. “Era um miniatte”, conta Carlos Murilo, que usufruiu desses convêscotes sempre noturnos. Um desses encontros sobre as águas é especialmente lembrado: Elizeth Cardoso, na voz, e Dilermano Reis, no violão, exibiram-se para o presidente e um grupo de amigos.

Dois anos de exílio já haviam se passado, quando o criador manda uma carta ao amigo César Prates, um dos que tiveram a idéia de construir o Catetinho. A correspondência vinha de Nova York e era datada de 6 de abril de 1966. Nela, o remetente percorre os

caminhos da nostalgia e escreve: “O céu azul que se arqueia sobre o Catetinho é uma das luzes mais belas que recebi sobre minha cabeça. De dia o azul profundo, de noite as estrelas a piscar sem pausa”.

Quando deixou Nova York e pegou o voo de volta do exílio, lá de cima o criador viu a criatura e a descreveu como: “Uma imensa flor surgindo na solidão do Planalto”. E foi então que ele quis abraçá-la. “Brevemente o farei”, escreveu Juscelino Kubitschek. O fez por muitas vezes entre a volta do exílio, em 1968, e sua morte. Mas, em 22 de agosto de 1976, quem o abraçou foram as mais de 80 mil pessoas que saíram às ruas de Brasília para cantar o *Peixe-Vivo* e acompanhar o corpo do criador a pé, do Aeroporto à Catedral e da Catedral ao Campo da Esperança.

O fundador



Na cidade de Presidente Juscelino, em 1967



Com o clube da esquina: Milton, Lô Borges e outros



Em 1952, em Diamantina, MG, a terra natal



Dançarino de grande fama

“Belo Horizonte (era) a miragem a entremostrear-se no meu deserto. Era a cidade dos meus sonhos”



Seresta em Viçosa, MG

O fundador



Comício, em Minas, ao lado de Getúlio Vargas



Em 1959, com Fidel Castro



Com John Kennedy



Ao lado de Assis Chateaubriand, na inauguração da TV Itacolomi, em 1955



O presidente brasileiro em visita a Lisboa



Proteção para a chuva

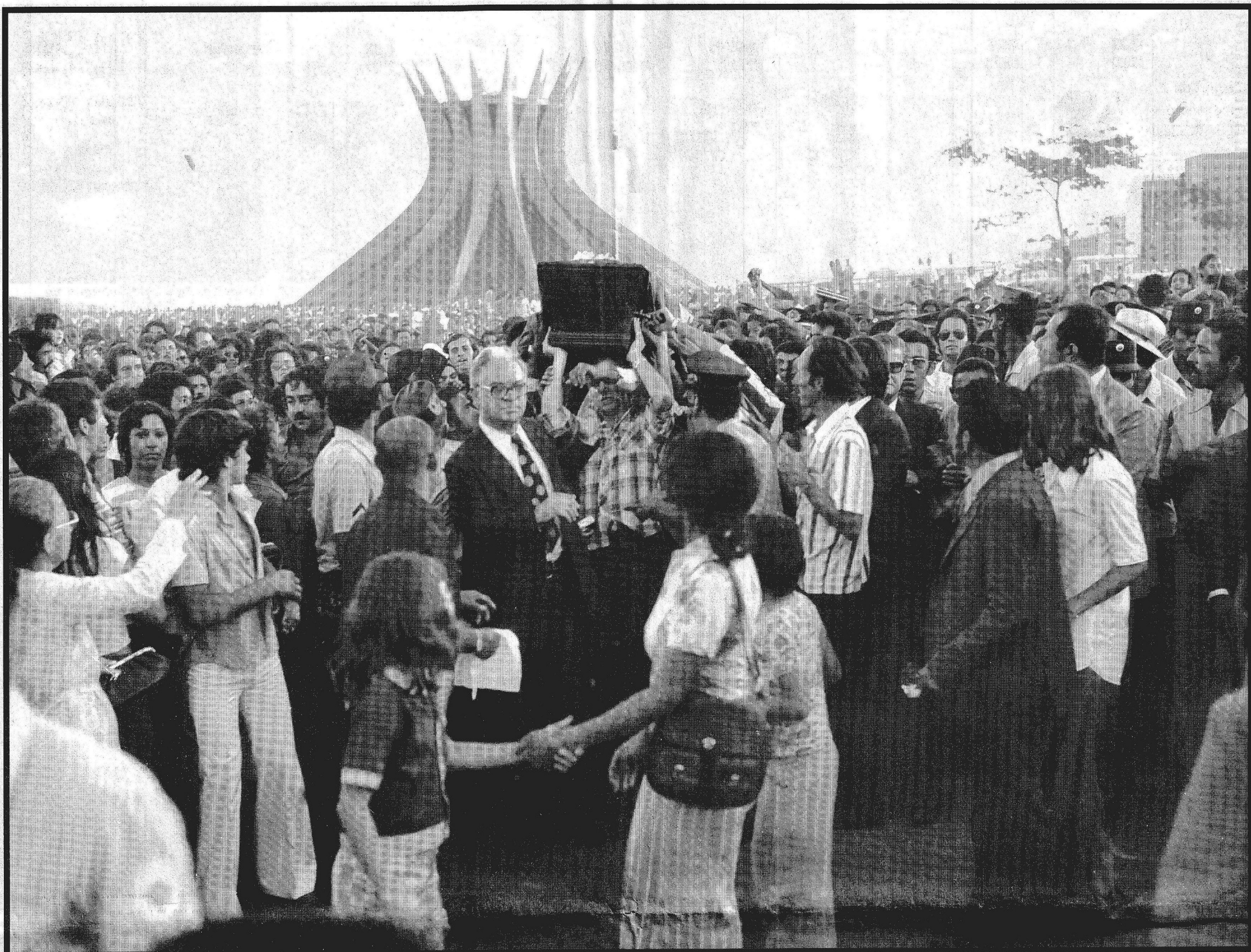


Durante o exílio, na França



Senador, em reunião para a eleição de Castelo Branco

O fundador



A maior manifestação popular de Brasília: o enterro do fundador

CRONOLOGIA

1830

Chega ao Arraial do Tijuco (hoje Diamantina, Minas Gerais) o marceneiro Jan Nepomusky Kubitschek, tio-avô de Juscelino, que vinha da Boêmia, parte do Império Austro-Húngaro

1902

12 de setembro — Nasce Juscelino, filho de João César de Oliveira e Júlia Kubitschek, em Diamantina

1905

Morre o pai de Juscelino

1914

Estudos no seminário dos padres lazaristas, em Diamantina

1919

É aprovado em concurso para telegrafista dos Correios de Belo Horizonte

1922

Entra na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte

1927

Forma-se médico

1928

Monta uma clínica particular na Rua da Bahia, em Belo Horizonte

1930

Curso de urologia em Paris e estágio em Berlim

1931

Passa a oficial médico da Força Pública de Minas Gerais e casa-se com Sarah Luiza Gomes de Lemos

1932

Participa da Revolução Constitucionalista como capitão-médico da Força Pública

1933

Nomeado secretário de governo de Benedito Valadares, governador de Minas

1934

Eleito deputado federal constituinte pelo Partido Progressista

1937

Com o Estado Novo, volta a exercer a medicina

1938

Promovido a tenente-coronel

1940

Nomeado prefeito de Belo Horizonte, pelo governador Benedito Valadares

1945

Eleito deputado federal constituinte

1950

Eleito governador de Minas Gerais

1955

4 de abril — Começa a campanha presidencial, pela coligação PSD-PTB, em Jataí, Goiás, onde promete construir Brasília.

1956

31 de janeiro — Toma posse na presidência da República

2 de outubro — Visita pela primeira vez o cerrado onde Brasília será construída

10 de novembro — Inaugura o Catetinho, primeira obra de Brasília

1960

21 de abril — Inauguração de Brasília

1961

31 de janeiro — Entrega o cargo de presidente da República a seu sucessor, Jânio Quadros

4 de junho — Eleito senador por Goiás

25 de agosto — Renúncia de Jânio Quadros

1964

21 de março — Homologa sua nova candidatura à Presidência da República pelo PSD

3 de junho — Em pronunciamento no Senado, protesta contra a possibilidade de cassação de seu mandato

8 de junho — Juscelino é cassado e exila-se no exterior.

14 de junho — Parte para o exílio, que começou em Madri e passou por Paris, Nova York e Lisboa

1967

9 de abril — Volta definitivamente ao Brasil

1968

Funda a Frente Ampla de oposição, com Carlos Lacerda e João Goulart, e assume a presidência do banco Denasa

1974

Eleito para a Academia Mineira de Letras

1975

Derrotado pelo escritor goiano Bernardo Elis para a Academia Brasileira de Letras

1976

22 de agosto — Morre em acidente de carro no quilômetro 165 da Via Dutra, quando ia de São Paulo para o Rio de Janeiro

“Mais uma vez agradeço a Deus ter-me poupado ao sentimento do ódio. Não o tive como presidente. Não o tenho agora. Morrerei sem ele”